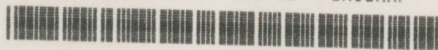


Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE030041

A cultura e o Interior

Os graves acontecimentos de sábado no Festival de Inverno de Campos do Jordão, quando a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas foi vítima de fortes pressões por parte do diretor artístico do encontro, maestro Eleazar de Carvalho, e seus assessores, empenhados em descaracterizar a linha de apresentação do conjunto voltada essencialmente para a popularização da música sinfônica, transcendem os limites simples da rivalidade entre os super-regos dos regentes para levar a uma discussão maior, em torno da efetividade da produção artístico-cultural do governo estadual.

Não é por acaso que o episódio, típica manifestação de autoritarismo, tenha envolvido uma orquestra do Interior, mantida com verbas municipais pela segunda cidade do Estado. Na verdade, a Secretaria de Cultura praticamente desconhece, com poucas exceções, a existência de outra praça que não a Capital. E esse imperialismo de paróquia invariavelmente prejudica exatamente a faixa da população que — formalmente pelo menos — é o objetivo da atual administração.

Desde que iniciou seu trabalho pioneiro de levar música de qualidade a platéias reunidas em locais tão insólitos quanto o pavilhão de legumes da Ceasa ou o picadeiro de um circo mambembe, a Sinfônica campineira mereceu enorme repúdio do establishment encastelado na programação musical. Incomodando o convencionalismo por realizar um número de recitais superior a uma centena por ano e, principalmente, por fazer cantar e dançar milhares de pessoas habituadas a concertos absolutamente sisudos, a orquestra de Campinas enveredou pela experimentação das composições populares feitas em formato sinfônico. Ampliou seu sucesso. E também a irritação de seus críticos, particularmente a partir do momento em que obteve contratos patrocinados por empresas como a Companhia Souza Cruz, para levar seu trabalho a todo o Interior e a outros Estados.

A tentativa de banir do auditório de Campos do Jordão a OSMC permite assim uma segunda leitura, a da aplicação de um corretivo exemplar nos "insubordinados" da província que, um dia, tentaram superar a metrópole. E conseguiram. Não foi a primeira vez, nem será a última nesse longo enfrentamento. Mas a História prova que a vantagem está com a ousadia dos interiores.